



Fátima *Monteiro*

TEXTO ANA SOUSA DIAS
DATA DA REPORTAGEM 03/2008

Ciências Políticas
Cabo Verde





Fátima Monteiro

/ UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, PORTUGAL

TEXTO ANA SOUSA DIAS

O percurso de Fátima Monteiro é feito de obstinação a partir de uma pergunta pessoal. Mas não fica centrada nela própria, descobre noutros a cumplicidade de perguntas idênticas e, no processo de investigar as respostas para eles, descobre-se a si mesma. Se escolhe um tema, há-de persistir em aprofundá-lo, da ramificação das respostas há-de escolher um novo

tema e continuará por aí fora num processo científico. A vida deu-lhe vários lugares que se entrelaçam numa raiz múltipla. Mora em Lisboa, é investigadora em estudos políticos e relações internacionais e tem um projecto filantrópico em Cabo Verde. As palavras-chave de hoje são *segurança*, *conflito* e *peacemaking* em África.

Maria de Fátima de Brito Monteiro é natural de Cabo Verde, cresceu em Moçambique, formou-se na Faculdade de Letras de Lisboa, doutorou-se na Universidade de Harvard e fez um pós-doutoramento em Yale, também nos Estados Unidos. Foi diplomata, bibliotecária, tradutora, professora universitária, e é investigadora nas áreas da história cultural e política dos PALOP e das relações entre os mesmos e a Europa. Onde está o «quarto que seja seu»? Talvez na dupla nacionalidade — é portuguesa e cabo-verdiana.

Nos limites do arquipélago africano, também a família trazia várias pertenças: São Nicolau, São Vicente, Santiago, Santo Antão. Foi nesta última ilha, em Ponta do Sol, o lugar mais a norte do arquipélago, que Fátima nasceu em 1958. Os pais, hoje aposentados da função pública portuguesa, viviam em São Vicente mas quiseram que ela nascesse na casa dos avós. Quando tinha três anos, foram para Inhambane, em Moçambique, com o oceano Índico a mudar toda a perspectiva. O percurso escolar e académico teve alternâncias entre os dois oceanos, o Índico e o Atlântico: Inhambane, São Vicente, Maputo (então

Lourenço Marques), Nampula, Lisboa, Boston, cidade em torno da qual tem espalhados os familiares mais próximos.

Esta diversidade levou-a a escolher como tema de doutoramento o poeta Rui Knopfli, nascido em Inhambane. Qual é o meu lugar de pertença? Eis a pergunta a que quis responder ao estudar um homem dividido entre as origens em Moçambique e em Portugal. Com ele conversou longamente, mas lá iremos mais adiante. Agora é altura de falar sobre o que Fátima Monteiro faz em Lisboa, desde Março de 2008, como *research fellow* do Instituto de Estudos Políticos (IEP) da Universidade Católica. Já agora, uma explicação que Fátima quis dar: «Mantivemos a designação *research fellow* em inglês porque em português é difícil encontrar o equivalente, é um conceito de associado, não usamos esse termo porque já existe outro nos Estatutos da Carreira Docente e de investigação.»

Prepara-se para coordenar um projecto de investigação sobre ameaças à segurança na região da África Ocidental, centrado na análise comparativa dos papéis que Cabo Verde e a Guiné-Bissau desempenham nesse contexto. O financiamento, através de



Foto: arquivo pessoal de Fátima Monteiro

Fátima Monteiro (à direita), Nacala, Moçambique, 1975

uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), garantiria à partida a viabilidade do projecto, tal como foi originalmente concebido. «Com ou sem esse financiamento, é um projecto para avançar, mesmo que tenha de ser redimensionado», sublinha a investigadora. Fátima integra também a equipa de um projecto do Instituto de Defesa Nacional, a ser desenvolvido em parceria com o Centro de Estudos Africanos do ISCTE e o IEP, «sobre o papel que Portugal poderá desempenhar na mediação de conflitos violentos e no *peacemaking* em África».

Desde o final de 2008, Fátima Monteiro pôs em prática um ciclo de conferências sobre os países da CPLP. As conferências são proferidas pelos embaixadores desses países e têm o propósito de dar a conhecer as realidades políticas, económicas, sociais e culturais de cada um deles. «Tem havido muito boa adesão, seja de estudantes e investigadores da área, seja de um público diversificado.»

Lusofonia e retorno social

«O meu espaço de reflexão é o espaço lusófono. De vez em quando, vou para

Cabo Verde, mas comecei por Portugal, passei para Angola e aqui no Instituto vou explorar mais Cabo Verde a partir de uma perspectiva mais comparativa.»

Um dado a reter: ela deseja fazer uma investigação que possa ter consequências práticas. E explica: «O conceito de investigação fundamental é percebido de forma errónea. É fundamental mas, a longo prazo, terá de ter uma aplicabilidade. A não ser que se chegue a um beco sem saída e se constate que aquele projecto não tem qualquer tipo de possibilidade de ser aplicado, o que pode ser muito frustrante para o investigador.»

Fátima Monteiro diz que é um pouco em função desse critério que escolhe os projectos. «O contrário seria uma perda das minhas energias mentais, mas a questão é mais funda: tem que ver com o princípio do retorno social, resulta da minha experiência em Harvard. Apesar de ser uma universidade que dá muita importância à investigação fundamental e não poupa quando vê que uma ideia embrionária tem pernas para andar e que há uma equipa para conduzir esse projecto de uma forma séria e com qualidade, a